

4  
M A I O  
1979

ESCLARECIMENTO  
Boletim de Trabalhadores para Trabalhadores

GRITAMOS ABRIL!

Aqueles que falam da alteração do espírito do 25 de Abril, nós dizemos - VIVA O 25 DE ABRIL. Aqueles que falam do 25 de Abril e querem o 24 de Abril, nós gritamos - VIVA O 25 DE ABRIL. Porquê? Porque o 25 de Abril foi o que foi, foi o que o Povo fez. E dizemos fez, porque ainda não esquecemos a dinâmica de um Povo, que sem organizações, se agrupou em melhoramentos das suas aldeias, vilas ou bairros, tais como: electrificação, abertura de estradas, colocação de esgotos, beneficiação de escolas, implantação de parques infantis etc., tendo a colaborar consigo meios técnicos e humanos das Forças Armadas, postos ao serviço da paz e do progresso. Mostrou a sua vontade, a sua capacidade e a sua dinâmica, tantos anos oprimidas. Fez, continuou e há-de continuar. O 25 de Abril, não foi, não é e não há-de ser o daqueles que o queriam mesquinho como o seu próprio espírito. Não queriam, e isso era o que deviam dizer se alguma vez fossem capazes de falar verdade, é que o Povo fizesse o 25 de Abril.

Continuamos a dizer e diremos sempre - VIVA O 25 DE ABRIL !

A esses que dizem e falam do verdadeiro espírito de Abril, perguntamos se queriam um 25 de Abril sem nacionalizações, sem reforma agrária e sem controlo operário. A esses dizemos que "Abril" desses só de 1970, 71, 72 e 73. Espíritos desses "Abril" estão em Santa Comba Dão, no Brasil ou ainda como estôrvo, em Portugal.

O espírito do 25 de Abril, o espírito do verdadeiro 25 de Abril, está nos campos, está nas fábricas, está nos escritórios, está na rua, está onde não há lugar para espíritos malignos.

Desde os operários de Norte a Sul, aos camponeses, aos trabalhadores de serviços, aos que trabalham nas suas pequenas ou médias empresas comerciais ou industriais, aos heróicos trabalhadores da Reforma Agrária, a todos nós convém gritar - VIVA O 25 DE ABRIL !

Aos povos explorados e oprimidos de todo o mundo, NÓS GRITAMOS ABRIL !

A REALIDADE

Continuamos a fazer o nosso/vosso Boletim, sem depender, sob qualquer aspecto, de nenhuma organização.

Também, e apesar do interesse e da implantação que o Boletim já tem, nenhuma organização, mesmo de trabalhadores, decidiu oferecer a sua colaboração. O que, à partida e por princípio é ilógico, se reveste, pelos motivos já explicados, de toda a logicidade.

Assim, só a colaboração de todos os trabalhadores, tornará cada vez melhor e maior o Boletim que é de todos e para todos.

Informamos por isso, respondendo até a solicitações que nos foram feitas, que cada exemplar deste Boletim custou, em papel e impressão a importância de Esc.2\$50.





## SOBRE O ABSENTISMO

A partir de determinada altura, como mais ou menos frequência, têm os trabalhadores ouvido falar muito de absentismo. Claro que não do absentismo contra o povo trabalhador. Claro que não do absentismo contra a Constituição claro que não do absentismo de quem é efectivamente absentista, mas sim e com alta demagogia, do pretenso absentismo dos trabalhadores.

Mais ou menos, quem tem falado nisso, são as "competências" que vêm do Governo até certos quadros hierárquicos, passando por algumas direcções de pessoal de algumas empresas. Estas "competências" têm falado de absentismo e têm rotulado absentismo, sob uma forma altamente demagógica, porquanto põem inclusivamente de lado o clausulado sobre a matéria, nos mais variados CCTs, porque consideram absentista o trabalhador que, faltando, cumpre estritamente o CCT. Também falam e rotulam o absentismo ao mesmo tempo que clamam constantemente a atenção para o País real que eles ao fim e ao cabo são os primeiros a ignorar. E ignoram, porque, ao analisar as faltas, muitas ou poucas que são dadas pelos trabalhadores, esquecem o País real e concreto que temos, o real dessas faltas, queremos dizer o que está efectivamente na sua origem, esquecendo também o real dos trabalhadores, porquanto esquecem por completo, todas as circunstâncias, todas as condições, os porquês, as realidades de vida desse trabalhador, face ao real País, face à real empresa.

E senão vejamos: Como resultados de situações como as vividas por esses trabalhadores no Ex-"Estado da Índia", nas guerras criminosas de Angola, Moçambique, Guiné etc., ficou este País com milhares e milhares de estropiados para além de outros muitos milhares com outras enfermidades, muitas delas incuráveis. Bastaria àqueles "animazinhos de cabelo", demagogos analíticos, observar esta circunstância, para concluírem que, muitas das faltas por doença que hoje os trabalhadores continuam a dar, têm a sua origem fundamental naquelas enfermidades que persistentemente os acompanham. Por outro lado, faltas por exemplo dadas para assistência ao pregado familiar, que podem também estas ter a mesma base, podem também ser fundamentadas pela miseravelmente confessada incapacidade de segurança social e de saúde que há neste País, diremos neste País real, em matéria de protecção à família, através de, por exemplo de infantários e de lares para a terceira idade, para já não falar de higiene e segurança no trabalho, de medicina preventiva, curativa e de recuperação, etc. etc. etc.

Esses "burros" não têm olhos para mais. Paciência. Como este artigo, é principalmente uma crítica a esses estôrvos, a esses pequeno-analíticos-demagogos, a esses que continuam a viver, no todo ou em parte do n/trabalho, a pretender ser travões a um trabalho que, reestruturando este país, os impedirá naturalmente de unicamente parasitar nas suas hierarquias, não lhes vamos por agora dizer mais nada porque, para além de tudo o mais, não lhes reconhecemos capacidade e competência para mais entenderem. De qualquer forma, do mal o menos - fiquem-se pela incompetência e evitem cair no ridículo.

Aos colegas trabalhadores, prometemos para uma próxima oportunidade desenvolver este tema, com outros cuidados e tratamento, próprios do respeito que merece todo aquele que trabalha. Porque, amigos: lições de trabalho, como lições de democracia, os trabalhadores, só as recebem de trabalhadores.

OS TRABALHADORES, QUANDO LIVRES DE PARASITAS, SÃO CAPAZES DE DAR RESPOSTA A ESTE E OUTOS PROBLEMAS.  
LÁ JÁ ALGUMAS EMPRESAS NO PAÍS, QUE SÃO BEM A DEMONSTRAÇÃO EXEMPLAR DO QUE AFIRMAMOS.





## O QUERER DO POVO

Parece-nos que vai ficando por demais evidente, qual é o querer do Povo em relação ao seu futuro. Também nos parece por demais evidente, a forma, dizemos até escandalosa, que atinge a subversão desse mesmo querer.

Se nos detivermos um pouco numa análise retrospectiva desde umas dezenas de anos antes do 25 de Abril, até ao presente, passando pelas variadas formas de resistência ao fascismo, pela alegria espontânea que trouxe a madrugada de Abril, pela saída em massa para a rua no 1º de Maio que se lhe seguiu, pelas várias eleições em que o Povo sempre votou Socialismo, por tudo o que o Povo tem transmitido, desde os seus locais de trabalho até à Assembleia da República, passando pelas autarquias locais e sindicatos, pela posição desse mesmo Povo em relação à Constituição de 1976, que é a sua Constituição a que construiu pode-se dizer ao longo de dezenas de anos, a Constituição que, com as correcções que esse mesmo Povo saberá fazer, será a resposta necessária a um País que será de Portugal e dos Portugueses, dizíamos que, se nos detivermos um pouco numa análise séria e retrospectiva, é por demais evidente que o Povo não mais permitirá o fascismo, não quer ser explorado. Quer trabalhar para construir um País que é o seu, em segurança, em independência, em liberdade.

O Povo português quer o socialismo. Tem-no dito das mais variadas formas. Começa a ser crime, subverter esse querer. E subverter, é corromper, é enganar, é mistificar, é ludibriar, é caluniar, é vender o País e o Povo. É trair. Seja de que forma fôr.

Estas "inqualidades" assumem-se através de partidos e organizações que defendem interesses contrários aos trabalhadores e a Portugal, coerentemente, porque os seus patrões em Portugal, actuam como empregados do crininoso imperialismo americano. Dizemos crininoso, dizemos imperialismo e dizemos americano. A justificar isto basta não fechar os olhos às multinacionais que se apresentam pelo meio, basta olhar as suas bandeiras da mãe origem ou das suas trampalins na Europa.

Mas essas "inqualidades" assumem-se também, mas desta forma "incoerentemente" e não é por acaso que colocamos aspas, por todos aqueles que, debaixo da capa de partidos e organizações de esquerda, verdadeiros profissionais do verbalismo demagogo, que dizendo e redizendo o que o Povo quer, nada mais fazem na acção real e prática concreta, que sabotar, que boicotar, e ao fim e ao cabo subverter também o querer desse mesmo Povo.

E isto, amigos, o Povo também não quer e di-lo todos os dias das mais variadas formas. Por vezes até, de forma menos correcta, como por exemplo, quando ataca em directo as organizações, deixando ficar impune os que deturpan e conspurcam essas organizações.

Uns e outros, os que citámos primeiro e os que citámos depois, nada têm a ver com o Socialismo, com a sociedade nova, com um futuro novo, com o querer do Povo português.

### 1º DE MAIO - DIA DO TRABALHADOR

Solidários com todos os trabalhadores do mundo, ainda oprinidos pelo fascismo e pelo imperialismo, felicitamos fraternalmente todos aqueles, que já libertos, se unem na construção de uma vida melhor.

Prestamos daqui a nossa melhor homenagem a todos aqueles que, vítimas da repressão fascista, deram a sua vida, para que hoje em novas condições, seja possível, festejar, confraternizar e lutar no Dia do Trabalhador. Mantemo-los na nossa memória. Continuam conosco.

O "Esclarecimento", através das pessoas que em Lisboa lhe estão mais di-



## O BALÃO

### I

Sobe sobe, balão sobe  
Vai dizer àquela estrêla  
Que o Povo já não pode,  
Vida melhor quer vê-la.

### II

Diz também a essa estrêla  
que para nós há-de brilhar,  
que estamos sempre a vê-la  
e para ela a trabalhar.

### III

Diz também no teu caminho,  
isto que eu tanto sinto,  
que depressa chamen ao ninho,  
o primeiro Nota Pinto.

### IV

Sobe sobe, balão sobe  
Diz também ao Sol que ria,  
que no seu muito brilhar  
queime os da Economia.

### V

Diz também aos anjinhos,  
di-lo mesmo a suplicar,  
que não queremos pintainhos  
nossa vida a lizar.

### VI

Sobe sobe, balão sobe  
leva o MAP no teu voar  
que o Povo já não pode  
suportar o seu piar.

### VII

Leva-o bem alto a subir  
ele com pés só sabe andar  
abre a porta, deix'ó cair  
e depois deix'ó ficar.

### VIII

Sobe sobe, balão sobe  
não te esqueças da imprensa  
pergunta à Lua se pode  
ficar lá com o Proença.

### IX

Não te esqueças de pedir,  
se houver lugares a mais,  
se podem p'ra láir  
mais alguns outros pardais.

### X

Sobe sobe, balão sobe  
vê lá se és capaz  
perguntar se a estrêla pode  
mandar o nosso cabaz.

### XI

Um cabaz cheio de anôr  
com o Povo a trabalhar  
onde se fale com calor  
de um novo Sol a brilhar.

## 1º DE MAIO (cont.)

rectamente ligadas, percorreu todos os locais da cidade, em que, de uma ou outra forma se evocava o 1º de Maio.

Pudemos assim verificar que, os trabalhadores e o Povo em geral, através da sua presença determinada, souberam dar, calma mas firmemente a melhor resposta a todos aqueles que se opõem aos seus direitos e interesses. Não temos nenhuma duvida em afirmar que foi impressionante, inequívoca e grandiosa a forma como essa resposta foi dada.

A partir daqui, será crime monstruoso e aviltante sem vergonha, trair, mistificar ou desobedecer à vontade popular tão amplamente demonstrada.

A partir de virar no calendário a folha do 1º de Maio, serão ainda maiores as responsabilidades de todos aqueles que, a partir de manifestações de massas como aquela, ficam obrigados à tradução, interpretação e trabalho consequente, que de forma coerente, responda com clareza aos anseios e necessidades dos trabalhadores portugueses. Porque, das respostas dos trabalhadores, nunca tivemos duvidas.





Realizaram-se na Sociedade de Belas Artes, de 30 de Março a 11 de Abril, as comemorações do 30º Aniversário da R.D.A.

Aos que não puderam ir, aos que não foram informados e aos que ocuparam o seu tempo com outras coisas, a todos lamentamos a perda desta importantíssima iniciativa.

Ao extraordinário Povo da RDA e à sua extraordinária solidariedade com os outros povos, o nosso muito obrigado.

Não nos iremos ocupar da exposição que, só por si, é o exemplo da transformação deste País e que com alguma inveja observamos, mas antes dos debates que ao longo dos dias se realizaram.

Podemos talvez destacar, "A Literatura na RDA", com a presença do grande escritor Helmut Sakowski, que com toda a modestia e humildade soube falar de si, que com toda a naturalidade soube explicar a grande influência da literatura na transformação deste País, e respectivamente, dos grandes autores que para ela contribuíram.

"A Política de Saúde na RDA", explicação e debate da responsabilidade do Dr. W. Karwath. Torna-se necessário dizer que este médico é dirigente sindical. Este debate foi de bastante conteúdo, uma vez que a assistência participou duma forma natural e não, como já vai sendo hábito, duma forma convencionalizada.

No processo da saúde verificou-se a grande influência dos Sindicatos, a forma organizativa, a persistência e o grande trabalho destes, originaram um sistema de saúde estatal absolutamente controlado nos Sindicatos. Este aspecto, tem grande ligação com outro debate relacionado com "A Participação dos Trabalhadores na Planificação e Desenvolvimento de uma Empresa", debate esse a cargo de W. Gresko, com a (participação ?) do representante da CGTP-III - José Luis Judas. Neste campo foi-nos dado conhecer a estrutura sindical na RDA e a sua acção.

Numa única Central Sindical, estão filiados 19 Sindicatos, o que se explica, em virtude da completa verticalização dos sectores de actividade. Em cada empresa existem comissões com cerca de trinta trabalhadores (varia consoante a dimensão) eleitos, e as direcções sindicais nascem também na empresa, por voto directo e secreto de todos os trabalhadores. Estas comissões e Direcções reúnem periodicamente para analisar e discutir os problemas da empresa, apresentados pelos trabalhadores. Periodicamente, as comissões, direcções e os gestores da empresa, reúnem para elaborar o Plano Quinquenal Para o Desenvolvimento da Empresa.

Impressionou-nos, de facto, esta forma extraordinária da estrutura sindical e tanto mais, porque consideramos que já deveríamos e poderíamos estar numa fase mais ou menos próxima, se vários factores, alguns deles já abordados por nós anteriormente, se não verificassem.

Entretanto, estranhámos que José Luis Judas, para além do atraso de uma hora que os amigos da RDA não mereciam, não pronunciasse uma única frase. Pensamos que qualquer palavra sobre a nossa estrutura sindical teria o seu cabimento. No entanto, nada se verificou. Porque seria ?

----- / -----  
A PROPOSITO DESTAS COMEMORAÇÕES. PARA REFLETIR ! ...

O grupo de danças e cantares da RDA, foi convidado pela (nossa ?) televisão a fazer uma gravação em video tape.

Cobrou pela gravação a simbólica quantia de 70 contos, que entregou à Associação de Amizade Portugal/RDA, a fim de serem ofertados às vitimas das cheias. Que autêntica lição de solidariedade !



## O SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE

Todo o cidadão português, tem direito à protecção da saúde e o dever de a defender e promover.

Garantir o acesso de todo o cidadão, independentemente da sua condição económica e social, aos cuidados da medicina preventiva, curativa e de recuperação. Garantir uma racional e eficiente cobertura médica e hospitalar, orientando a sua acção para a socialização da saúde e dos sectores médico-medicamentosos, isto é da competência do Estado, mas passa em grande parte pelo cidadão português e essencialmente pelas suas organizações de classe.

Não se pode falar de um Serviço Nacional de Saúde, com a articulação de formas empresariais e privadas da medicina, do disciplinar e controlar a produção, comercialização e o uso dos produtos químicos e farmacêuticos, tais como outros meios de tratamento e diagnóstico, sem os trabalhadores e o Povo em geral, estarem sensibilizados, esclarecidos e consequentemente participativos para um Serviço Nacional de Saúde.

Cabe-nos aqui, fazer uma sintetizada retrospectiva da acção do Movimento Sindical nesta matéria. Já em Janeiro de 1975, se realizou um Congresso, promovido pelo Movimento Sindical, sobre saúde, em que dum forma menos participativa, e diga-se, por falta de trabalho (esclarecimento e dinamização), os trabalhadores contribuíram e apontaram para linhas mais ou menos genéricas do que entendiam sobre o campo da saúde.

É nesta falta de perspectiva, nesta falta de trabalho, que o Movimento Sindical, protelou, e pode-se dizer que, quasi até hoje, esta matéria.

Foi necessário, que em alguns Distritos, os trabalhadores, alguns médicos e também alguns dirigentes sindicais, se organizassem numa dinamização correcta, pondo em prática, por eles, transformações no campo da saúde.

Porque talvez se torne cansativo, deixaremos para outro Boletim, o que em poucos locais se fez e que foi muito. No entanto, verificaram-se, uma vez mais, as barreiras, as boicotas que o próprio Movimento Sindical, desrespeitosa e despudoradamente levou à prática. Duma forma, que nos parece absurda, culpou-se unicamente o sistema e as suas grandes alterações, desculpam-se com o contexto, sendo incapazes de uma autocrítica honesta que nunca fica mal fazê-la. Importa perguntar: - PORQUE ?

Após cinco anos, é reativado o processo, e aparecem as organizações sindicais a falar do Serviço Nacional de Saúde, a reivindicá-lo de novo e a pretender dinamizá-lo. Isto está certo, mas atrasado no tempo. Nesta altura, já os trabalhadores deveriam estar a discutir na especialidade o projecto do Senhor Arnaut e não a ler tarjetas que falam da precária assistência médica que têm ao dispôr.

Gostaríamos de perguntar e obter resposta: - O que andam os senhores dirigentes sindicais a fazer com a nossa saúde ?

### COLABORAÇÃO

Ficamos satisfeitos, quando os trabalhadores nos dizem que o "ESCLARECIMENTO" - Boletim de Trabalhadores para Trabalhadores, está "bestial".

Preferimos contudo, que todos pensem na constante possibilidade de melhorar e que procurem colaborar nesse sentido.





## APELO A SOLIDARIEDADE

Nas ultimas deslocações que temos feito ao Alentejo, temos assistido ao degradar constante das condições de vida dos trabalhadores alentejanos. É um facto, que isto se sente em todo o País, mas também é certo que tem sido no Alentejo onde mais se tem sentido a acção de um Governo que declaradamente está contra os trabalhadores e especificamente contra os trabalhadores da zona de intervenção da Reforma Agrária.

Ouvir falar ou lêr em Lisboa, que no Alentejo há desemprego e consequentemente fome e miséria é uma coisa. Constatar isto de facto e "un loco" é outra bem diferente. Constatámos, vimos e refletimos. Apesar de toda a confusão prepositada de alguns que misturando alhos com bogalhos pretendem ofuscar, minimizar ou deturpar a solidariedade, nós, seres humanos, trabalhadores da cidade, que estamos, sempre estivemos e estaremos com os mais sacrificados deste País, que são os trabalhadores rurais alentejanos, que cada vez mais, admiramos e respeitamos, a nós, não nos confundem. Sabemos e continuaremos a saber o que é solidariedade.

Assim, e assumindo-nos com toda a coerência, lançamos a partir de agora, um apêlo de solidariedade a todos os trabalhadores que nos leem.

Situações como a de familias com muitos filhos, em que o pai ou a mãe estão sem trabalho, são situações deveras preocupantes, em relação ás quais não poderos ficar alheios.

É evidente que, conscios das nossas limitadas possibilidades, seria utópico pretender resolver problemas que nos ultrapassam em estatura e estrutura. Não é isso que pretendemos. Propomo-nos sim, tentar cumprir com aquilo que temos e com o que somos, dar o nosso contributo, que julgamos válido, minimizando um pouco as carências de homens, mulheres e crianças que precisam e merecem todo o nosso apoio.

Porque o nosso Boletim se dirige a trabalhadores, que não tendo, é certo as dificuldades dos trabalhadores rurais alentejanos, têm também as suas dificuldades, concentramos mais o apêlo de ofertas em artigos de vestuário e calçado fora de uso. Contudo como temos plena consciência que a solidariedade não se deve ficar por aqui, apelamos também para ofertas de alguns alimentos, artigos de higiene e artigos escolares.

Assim, propomos a seguinte lista de ofertas:

Alimentos: café, chá, açúcar, massas alimenticias, bolachas, conservas, arroz, leite em pó ou pasteurizado, flocos de aveia, farinhas e compotas.

Vestuário: Calçado e roupas para homem, mulher, rapaz e criança, toalhas e roupas de cama.

Artigos de limpeza e higiene: Sabão, sabonetes, detergentes, pastas dentíficas, escovas de dentes, pentes, shampoo, pomadas para calçado, alcool, pó de talco, pastas de barbear, algodão.

Artigos escolares: cadernos, lápis, canetas, borrachas, apara-lápis.

Brinquedos: brinquedos diversos.

A forma de entrega dos artigos, assim como sugestões para a Campanha de Solidariedade, podem ser combinadas através de contacto com a signatária do Boletim.

Temos esperança de que todos nós iremos cumprir uma pequena-grande acção de solidariedade.

Em futuros boletins daremos toda a informação relacionada com esta Campanha de Solidariedade de Trabalhadores para Trabalhadores.







APRENDAMOS COM AS CRIANÇAS

"A HUMANIDADE É OBRIGADA A DAR À CRIANÇA O MELHOR DE SI"

Em 19 anos, a Organização das Nações Unidas, votou a Declaração Sobre os Direitos da Criança, documento de extrema importância, que apela aos países, às organizações voluntárias, aos poderes locais e governos do mundo inteiro, a reconhecerem os direitos e as liberdades fundamentais das crianças e a dedicarem esforços para assegurá-las.

Qualquer legislação deve incumbir-se da protecção da criança, regulamentando sábia e previamente, as responsabilidades e condições da família, da escola, dos órgãos estatais e das organizações sociais, sobre o desenvolvimento e educação moral, estética, cultural e física dos adolescentes.

A Constituição, para além de defender estes direitos, não admite quaisquer privilégios ou restrições nos direitos da personalidade, baseados em nacionalidade, origem, religião, sexo, raça ou posição social.

Neste momento, quando o ano de 1979 foi proclamado pela ONU como ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA e a consciência alarmada da humanidade faz um balanço do que foi ou não foi feito para as crianças, também nós devemos meditar e fazer o nosso balanço. Que contributo nós demos ?

É por vezes, neste exame de consciência, que se tende a cair, ou pelo menos há essa hipótese, no querer recuperar, de uma forma naturalmente exagerada, aquilo que não soubermos, ou não quizermos fazer.

As acompanhamos atentamente as iniciativas que se estão a desenvolver e as que já estão postas em prática, da responsabilidade das organizações partidárias, sindicais e locais, vamos encontrar um favorável balanço quantitativo. No entanto, se nos detivermos a acompanhar as iniciativas das próprias crianças, a nível local, vamos deparar e então sim, com um extraordinário balanço qualitativo, no qual se vê a criança a fazer a nossa aprendizagem.

As crianças, sabem, da forma mais natural, fazer a unidade. Elas são a unidade. Não precisam de acordos para se agrupar e construir. Elas praticam a amizade e a fraternidade no seu máximo expoente. Elas são a amizade. Elas sabem "discutir" os seus desentendimentos, nem que seja à "porrada", e posteriormente, dar o mais belo abraço, que põe termo à incompatibilidade momentânea. Elas sabem criar as suas iniciativas, sabem-se agrupar, pois são a Vida.

Se analisarmos tudo isto, não nos devemos admirar do que sabem construir. Devemos sim aprender com elas. Que grande lição nos transmitem !

"CRIANÇA - O mais valioso capital, o futuro e as esperanças duma Nação."

Constituição da República Portuguesa. Artº37º

(Liberdade de expressão e informação)

- 1-Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de se informar, sem impedimentos nem discriminações.
- 2-O exercício destes direitos não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura.
- 3-As infracções cometidas no exercício destes direitos ficarão submetidas ao regime de punição da lei geral, sendo a sua apreciação da competência dos tribunais judiciais.
- 4-A todas as pessoas, singulares ou colectivas, é assegurado, em condições de igualdade e eficácia, o direito de resposta.